

SEMANA DE ENFERMAGEM
17 - 19 DE JUNHO DE 1998
ABEn - Santa Maria - RS

HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE: um novo olhar na enfermagem: Perspectivas para o novo milênio

INTRODUÇÃO

1. HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE: CONCEITOS E FATOS
2. O PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO
3. A RACIONALIDADE, PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO OCIDENTAL
4. UM PRINCÍPIO PRIMORDIAL
5. A SENSIBILIDADE, A MATRIZ ORIGINAL DA HUMANIZAÇÃO
 - 5.1 A fenomenologia da sensibilidade
 - 5.2 As moradas da sensibilidade

CONCLUSÃO

HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE

Um novo olhar na enfermagem: perspectivas para o novo milênio

INTRODUÇÃO

O tema central deste evento propõe, num primeiro momento, um novo olhar que deve acontecer na enfermagem para, num segundo momento, garantir perspectivas com vistas ao novo milênio. Fica evidente que o tema Humanização e Sensibilidade deve contribuir para que o novo olhar e as perspectivas possam realizar-se.

De imediato, duas questões me parecem fundamentais. A primeira indaga sobre o significado de um novo olhar. O termo chave é novo. O que pretendemos ao dizer novo? Havia uma maneira, um tipo de olhar. Novo indicaria para trocar essa maneira ou esse tipo de olhar. A idéia de novo seria mudar de olhar. Portanto teríamos um outro olhar, diferente daquele que vem acontecendo até agora. Não se trata de uma mera substituição. Como se trocássemos um objeto usado por outro novo, por exemplo, uma seringa. Novo pode significar, também, o que aparece pela primeira vez. Inédito, inovador, original, desconhecido, não habitual.

O olhar, em primeiro lugar, não é um objeto. O que impossibilita a transferência do olhar de um para o outro. O olhar é uma atitude que precisa ser construída pela pessoa. Ele será novo se houver mudança naquele que olha. O meu olhar muda quando mudo a maneira de ser. Conclui-se que o novo olhar, para ser um outro e diferente olhar, exige uma alteração do sujeito que olha. Vou recorrer a um exemplo. Tomemos o elemento água. O olhar do químico vê os elementos que compõem a água. O místico vê a força purificadora da água. O poeta vê a beleza da água. A água é a possibilidade de saciar as pessoas sedentas.

Quero observar, ainda, que o vocábulo, novo, que adjectiva o olhar, e o novo que adjectiva milênio, certamente não têm o mesmo sentido. Ao falarmos em novo milênio, em termos cronológicos, significa que acabamos uma série de mil anos e vamos para outra série de mil anos. Portanto, cronologicamente falando, substituímos uma série de anos por outra série idêntica. Isto não ocorre quando dizemos novo olhar. Aqui novo significa um outro e diferente olhar. A mudança deve acontecer naquele que olha.

A segunda questão refere-se às possibilidades de como a humanização e a sensibilidade podem contribuir para que o novo olhar, de fato, possa ser outro tipo de olhar. DE que maneira podem gerar o novo. Que subsídios encontramos nela para termos um novo olhar.

Humanização e sensibilidade são duas palavras conhecidas e, portanto, já estão enquadradas dentro de um discurso e de um olhar. Humanização e sensibilidade já definiram a nossa maneira de olhar. Elas já fazem parte de nosso olhar. Elas precisam ser olhadas diferentemente. O novo olhar, visto segundo o olhar da humanização e sensibilidade atuais pode ser que nada de novo signifique. Possivelmente o novo olhar deva começar pela mudança de olhar a humanização e a sensibilidade fora das compreensões habituais.

Humanização e sensibilidade são dois conceitos que possuem um lugar cativo no interior de um projeto cultural que nos domina desde a fixação do pensamento racional. Além de pertencerem a uma categoria de conceitos, humanização e sensibilidade referem-se a dois fatos fundamentais na história da humanidade. Esses fatos colocam-se anteriormente aos conceitos. Eles acompanham o homem desde sua origem. Habitados a pensar através de conceitos perdemos de vista os fatos aos quais estes se referem.

Não será, no meu entender, trabalhando com os conceitos que será possível encontrar um novo olhar na enfermagem e construir perspectivas para o novo milênio, mas ultrapassando o nível das palavras. De alguma maneira daria para adotar o preceito fundamental da Fenomenologia de Husserl, que anuncia a necessidade de "voltar às coisas mesmas". Aqui, será preciso entender a sensibilidade como uma atitude, um comportamento e um valor, bem como, encontrar a humanização como um fato, um processo e um projeto de realização da humanidade.

1. HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIDADE: CONCEITOS E FATOS

A questão da humanização é apenas um capítulo da evolução da vida. Houve um momento que, no cenário dos seres vivos, surge o homem. Não sei se este é o mais importante, mas, certamente, refere-se ao momento mais recente da grande aventura da espécie humana que, segundo as teorias evolucionistas, teria iniciado há 4 milhões de anos. Fazemos parte do reino da vida, por isso mantemos, sob o ponto de vista da biologia, um certo parentesco com todos os seres vivos. Os nossos ancestrais, portanto, há milhões de anos, começaram a caminhada do homem em direção a um ideal de humanização. Um ideal que, tudo indica, não está claramente definido porque continuamos a procurá-lo e a redefini-lo constantemente.

No momento em que o homem passou a ter a liberdade de auto-construir-se e auto-organizar-se, não apenas em nome de um determinismo biológico, mas do

poder de deliberar sobre seu destino, estabelecendo os valores e os critérios de sua auto-realização, tudo mudou. O homem pode traçar os rumos de sua vida e, lentamente, ao mesmo tempo que modificava seu modo de viver, foi transformando o mundo que o envolvia. Durante milhões de anos a

humanidade foi exercitando sua capacidade criativa. Desde os machados de pedra lascada e das armadilhas de caça, da confecção de seu vestuário; passando pela navegação dos rios e dos mares, pelo domínio do fogo, pela invenção do ferro, pela domesticação de animais, pela construção de moradias, de templos e de pirâmides, castelos e palácios; até a elaboração do conhecimento científico, a descoberta da energia atômica, a navegação dos espaços e a construção de robôs; tudo testemunha o esforço de realizar o ideal de humanidade.

Esses são os fatos que constituem o processo de humanização. Uma simples observação dos fatos que marcam o desenvolvimento da humanidade revela a enorme diversidade de culturas, de costumes, de instituições e de organizações em todas as instâncias da vida humana, seja individual, seja coletiva. No meio deste universo de diferenças, como entender a humanização? Haveria um único processo verdadeiro de humanização? A resposta, provavelmente, se partirmos da história, tende a dizer que, até o momento, não há um único ideal. Os fatos mostram uma pluralidade de ideais de humanização. O certo é que não há sintonia, nem sincronia entre o conceito de humanização e os fatos. Teoricamente é possível estabelecer um conceito de humanização, mas na prática os acontecimentos mostram o contrário. Cada cultura estabelece uma antropologia que, em geral, é tomada como sendo a base teórica de uma ideal verdadeiro de humanização, expresso pelo conceito de humanismo. Novamente nos encontramos diante de diferentes humanismos. E diante disto ocorre que algumas formas de humanização passam a ser entendidas como desumanização, e certos humanismos são definidos como de anti-humanismos.

As grandes questões ficam no ar. Qual seria o verdadeiro ideal de humanização? E, caso seja possível se pensar num único humanismo, qual seria seu fundamento universal? Ainda, deve-se perseguir a homogeneidade cultural do homem? A história do desenvolvimento real uma infinidade de culturas e civilizações com características muito diversas. Umas ainda em pleno vigor e desenvolvimento, outras já desaparecidas, das quais temos apenas o testemunho de suas ruínas em monumentos, pinturas, resíduos de atividades domésticas ou, simplesmente, partes de esqueletos. Estariam todas essas culturas perseguindo um ideal universal de humanidade? Ou representariam caminhos diferenciados mas que, no fundo, todos convergiram para um mesmo final?

A solução destes enigmas estaria na possibilidade de se estabelecer o princípio da humanização, isto é, o elemento que garanta estabelecer a fórmula ideal dos procedimentos que leva todo homem a tornar-se humano.

Diante do exposto, acredito que o caminho mais seguro é aquele que nos leva aos fatos. A linguagem conceitual é uma representação do real, ela pode nos fazer perder o contato com os fatos. Nas memórias de Simone de Beauvoir encontramos um exemplo muito esclarecedor. Conta ela que, juntamente com Sartre, viu, pela primeira vez, um operário, por ocasião dos comícios que participavam na resistência espanhola. Os dois pensadores franceses, defensores de um socialismo radical, dedicavam-se a construir uma teoria defensora da classe operária, sem nunca ter visto um operário em

carne e osso. O trabalhador que eles descreviam como a força revolucionária, não passa de um conceito, de uma abstração mental. Nunca um homem de carne e osso.

Fica claro, no meu entender, que será preciso substituir a ordem dos conceitos pela ordem dos fatos que fazem acontecer a humanização e a sensibilidade.

2. O PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO

Falar em princípio de humanização exige, inicialmente, um pré-compreensão do fenômeno da humanização. O homem se humaniza quando realiza seu modo de ser. Humanizar-se significa tornar-se humano. O desafio é saber quais são os fatos, os comportamentos e as relações que garantem o estatus de humano. Ainda, sem descer ao concreto, seriam aqueles que correspondem ao princípio que gera o surgimento do homem. Então o primeiro passo é identificar esse princípio.

É o princípio que faz o homem humanizar-se. Mas o que significa princípio? Princípio deve ser tomado no sentido etimológico grego de arquê. Não significa só o início, o começo de algum fenômeno, de um processo ou de um movimento. Aquilo que se coloca na origem. O ponto de partida em oposição ao ponto de chegada, ao fim. No sentido etimológico, princípio é o que está presente, como responsável primeiro, desde a origem até o fim de qualquer fenômeno. O princípio é o que sustenta toda a evolução de um ser. Assim, o princípio de humanização é o que realiza o modo de ser do homem.

Vou recorrer a alguns exemplos, ainda que habitualmente não se fale desta maneira, mas julgo um bom recurso didático. Todo ser vivo possui um princípio que o leva a desenvolver plenamente seu ser. Esse princípio poderia ser identificado numa linguagem contemporânea, como sendo o código genético. Toda semente tem inscrito em si mesma todos os conhecimentos necessários para desenvolver-se no vegetal correspondente. Todas as fizes de uma planta garantem o processo de realização do seu ser, ou simplesmente dizer, por exemplo, para o pinheiro, pinheirizar-se; para o eucalipto, eucaliptizar-se; para a roseria, roseirizar-se. E no caso dos animais. Por exemplo, para o boi, bovinizar-se; para o cavalo, eqüinizar-se; para o orangotango, orangotangonizar-se. E assim por diante. Tudo acontece dentro dos limites já traçados pela engenharia genética de cada espécie, vegetal ou animal.

Em relação ao homem, as coisas mudam porque nos deparamos com duas instâncias. A instância biológica que nos autorizaria falar em hominizar-se. Estaríamos diante do fenômeno do homem como mero ser vivo, obedecendo às regras da biologia como qualquer outro ser vivo. E a instância cultural, que introduz o fato da humanização. É o momento que o homem passa a definir seu modo de viver. No fato da hominização, o princípio é de ordem biológica; no fato da humanização, o princípio ultrapassa os limites do biológico. O importante é saber qual é esse princípio que desencadeia a humanização e seu desenvolvimento até a plenitude.

Antes de continuar esta busca do princípio da humanização, quero lembrar que no homem, desde o momento em que se romperam os limites do puro princípio biológico, hominização e humanização não são separáveis, biológico e cultural são inseparáveis. É verdade que a filosofia moral tentou estabelecer uma distinção entre o ato do homem - *actus homini* - que engloba todos os atos naturais, e o ato humano - *actus humanus* - que é voluntário e deliberado. Esta distinção poderá valer quando se trata de responsabilidade, mas, em termos de manifestação humana, torna-se

insustentável. A respiração, por exemplo pode ser vista como um ato meramente natural mas, de fato, cada indivíduo sabe que pode agir sobre ela de diferentes formas e intencionalidades. A sexualidade pode parecer uma mera função biológica mas, sob a inspiração do amor humano, ela se transforma numa infinidade de valores, significações e funcionalidades.

A questão do princípio da humanização, ainda não está esclarecida. Até agora, me parece, dá para concluir que cabe ao homem definir seu projeto de humanização. O drama maior é saber em nome de que ou de quem, e sob a inspiração de que valores poderá estabelecer os caminhos da humanização. No Ocidente muito se fala em processo civilizatório como sendo a caminhada do homem para humanizar-se. Os gregos tinham seu ideal de homem, inspirado na natureza - Physis. Humanizar-se significava desenvolver a natureza presente em cada um. A ordem social humana verdadeira era aquela que realizasse plenamente as características de cada natureza individual. O Cristianismo o ideal humano devia corresponder ao ideal traçado por Deus Criador. A humanização confundia-se com o ideal de espiritualização. O ideal último da humanização é a transcendência, uma vida que se estende após a morte junto de Deus.

Com a modernidade a humanização passou a ser entendida como um projeto elaborado pelo próprio homem para si mesmo, inspirado em ideais de desenvolvimento. Foi assim que se instalou, desde o século passado, o conflito entre diversos projetos de humanismo, isto é, de ideais de humanização. Até a era moderna, o princípio da humanização ou era a Natureza, segundo os gregos; ou era a Divindade, segundo a tradição judaico-cristã. Na modernidade a humanização o princípio é o próprio homem. Ele assume seu próprio destino, busca definir o princípio de toda a realização humana. Foi assim que a racionalidade foi proposta como o princípio único de uma humanização universal.

3. A RACIONALIDADE COMO PRINCÍPIO DA HUMANIZAÇÃO OCIDENTAL

O homem dotado de razão é a suprema crença que domina todo processo de humanização no Ocidente. A definição oficial, o homem é um animal racional, tornou-se a identidade inquestionável do ser humano. Pela razão o homem se distingue de todos os demais seres vivos. Ela é a grande guia do destino da humanidade. Adotada como o princípio indiscutível de humanização universal. O único caminho da manifestação plena e verdadeira do humano.

Suas raízes remontam à inauguração do pensamento racional pelos gregos. A racionalidade, além de ser o diferencial entre homens e animais, é, também, a que distingue o homem humanizado do homem da barbárie. O exercício da racionalidade se traduz como raciocínio e reflexão, condições fundamentais para, de um lado, o acesso ao conhecimento verdadeiro; de outro lado, para o arbítrio entre o bem e o mal. Portanto, a racionalidade é aliada da verdade e da justiça, fonte da ciência e da moral.

Ser homem significa ser racional, mas a humanização é o desenvolvimento desta racionalidade. No fundo o grande legado dos gregos para o Ocidente é esta confiança no poder da razão para guiar todos os homens porque ela está presente em todos. A filosofia como filha primogênita da racionalidade. A reflexão filosófica tornou-

se a permanente busca do conhecimento verdadeiro, fundamento primeiro para garantir toda e qualquer ordem justa. Se os homens, segundo propunham os gregos, por natureza, aspiram a verdade, a felicidade e a justiça, encontram na filosofia os ensinamentos para alcançá-las. Descartes consagrou definitivamente este ideal grego proclamando a natureza específica do homem como ser pensante. E Kant continua o mesmo discurso dizendo que as disposições naturais do homem, a única criatura racional da terra, sendo conduzidas pelo uso de sua razão, garantem a tendência da humanidade progredir em direção ao melhor". (Pedagogia p. 20)

Confiante na razão, o homem ocidental acabou entregando-se totalmente aos seus encantos. A ordem, para ser humana, precisa ser racional. Tudo deve passar pelo crivo da racionalidade. O conhecimento, a justiça, o bem e mesmo a felicidade dependem do uso correto da razão. Ela foi transformada na guardiã segura para impedir que as pessoas agissem cegamente e, ao contrário, se guiassem por valores que dão sentido a sua vida, ao mundo e a tudo o que acontece.

O princípio de razão foi instituído como princípio fundamental para explicar toda realidade e para justificar toda ação. Sua formulação é simples, apenas quatro palavras: Nada é sem razão. Isto significa dizer que nada acontece, nada existe, nada se faz sem que haja uma causa, um porque, uma razão. É o centro em torno do qual se desenha a órbita da racionalidade. Neste sentido a filosofia, como a primeira articulação do pensamento racional, apresentou-se como a busca da causa de todas as coisas.

É bom lembrar que o princípio de razão significa toda a dinâmica do pensamento, mas não é o único, ele se desdobra em outros princípios, como o de razão suficiente, o de identidade, etc. Tais princípios dinamizam-se por um jogo binário que pode ser mostrado como verdadeiro/falso, certo/errado, bem/mal. Pensar racionalmente exige, portanto, observar determinadas regras que possibilitam desenvolver certas atividades mentais como analisar, planejar, calcular, prever, demonstrar, comparar, concluir.

O pensamento racional sustenta a idéia de que a natureza é regida por leis necessárias e universais e que podem ser conhecidas pela razão humana. O nosso pensamento também opera obedecendo a leis e regras universais. Por isso todos podem conhecer o universo e, ao mesmo tempo, transmitir aos outros seus conhecimentos. Somente as ações humanas dependem da vontade livre, mas esta deve ser comandada pela razão para que possa deliberar justa e corretamente.

Depois de assumir a racionalidade como guia do desenvolvimento humano foi fácil optar pelo conhecimento científico como o fundamento de toda ação. O importante era desenvolver a ciência como sendo a teoria da realidade, e, como teoria do real, torna-se o fundamento da técnica que define o modo de intervir no real. Assim o conhecimento científico, na medida que busca a verdade do mundo, encontra na técnica sua extensão e complementação.

Como conseqüência imediata o desenvolvimento humano foi confundido com o progresso científico e tecnológico. Em outras palavras, a humanização acaba atrelada à ciência e à tecnologia. As sociedades mais desenvolvidas científica e tecnicamente são também identificadas como as mais desenvolvidas humanamente. É verdade que Kant já dizia que o progresso humano não devia dar-se na esfera do material nem do intelectual, mas do moral, porque este garante que os homens se comportem cada vez melhor. (Pedagogia p. 21)

O passo definitivo do desenvolvimento racionalista foi privilegiar o conhecimento científico como o único guia do operar humano. Assim a ciência e a técnica foram erigidas em referenciais de humanização. E a educação reduziu-se ao ensino teórico de conteúdos cognitivos.

O uso da razão garante o grau de humanização. Husserl afirmou que "o sentido da história coincide com a realização da razão, o que significa dizer que esta é o específico do homem, enquanto essência, que plasma sua vida em atividades e hábitos pessoais". (p. 51) Quanto mais desenvolvida a racionalidade tanto mais elevado o estágio de humanidade. O mais alto grau de desenvolvimento racional corresponde à perfeição humana. Os indivíduos são reconhecidos pela lucidez de seu raciocínio. A consciência tornou-se uma consciência racional. Quanto maior a presença da razão, maior seria o nível de consciência. A razão, além de conhecer o mundo, podia conhecer-se a si mesma. Pela razão o homem tinha acesso ao conhecimento da realidade externa e a sua interioridade. A inteligência, como a capacidade de conhecer, tornou-se a grande aliada da razão na tarefa de definir a verdade e o bem.

Na seqüência destes passos dados pelo avanço do domínio da racionalidade sobre os homens chegou-se ao princípio do progresso. Um progresso contínuo e ilimitado. A ciência e a técnica, os dois grandes produtos da razão, são responsáveis pelas engenharias deste projeto. O resultado, conhecido de todos é a civilização da ciência e da técnica que se construi a partir do século XIX, o tempo das grandes invenções, e atingiu, talvez, seu último estágio neste século, com o fenômeno da globalização. Vivemos uma humanização definida por uma ciência e uma técnica globalizadas.

Essa presença avassaladora do progresso científico e tecnológico fez surgir um contraponto, capaz de provocar mudanças radicais. Mais do que acreditar na continuidade do progresso ilimitado, surgem indícios de que ele está em fase de declínio. Porque o homem percebe sua exclusão como sujeito do processo e sente-se um mero objeto. Talvez, por isso, surgem preocupações em buscar um novo olhar e sonhar com outras perspectivas para futuro; ou pensar temas como humanização e sensibilidade.

Parece que chegou a hora de suspeitar e acreditar que há um princípio primordial, anterior ao princípio da racionalidade, como fundamento originário da humanização. Somente a crença na existência de um princípio primordial pode fazer rever a humanização e indicar os caminhos de reencontro com a sensibilidade.

4. O PRINCÍPIO PRIMORDIAL

O princípio primordial seria aquele elemento, talvez, organização, que deu aos homínídeos o poder de romper a ordem animal e conseguir auto-organizar-se até o presente momento do processo de humanização da humanidade. Conforme esta crença no princípio primordial, ou das origens, a racionalidade representaria apenas uma opção e um momento da humanização.

A busca do princípio primordial tem dois movimentos que, a cada dia que passa, tornam-se mais vigorosos devido ao número crescente de adesões, provenientes das mais variadas categorias de pessoas. Além disso, os dois movimentos mostram-se complementares, o que faz com um seja reforçado pelo

outro. Quanto mais um movimento se avoluma, mais espaço abre para que o outro assuma credibilidade.

O primeiro movimento caracteriza-se por sentimentos de desconfiança e de desencanto diante da racionalidade. A primeira fonte desta desconfiança está nas múltiplas contradições geradas no interior da própria ordem racional. A primeira contradição acontece no interior do próprio homem. A razão criou uma oposição brutal entre a razão e o coração, entre o pensamento e a emoção. Ninguém dúvida que o homem é um ser pensante. Autor de um pensar reflexivo. Mas o que se tornou questionável foi a atitude de reduzir o ato de pensar numa única forma válida de pensar, o pensamento lógico. Não se pode dizer que o poeta não pensa. Não se pode negar que o homem dominado pela emoção pense. Também, não se pode deixar de reconhecer que a criança, assim como o louco, possam pensar. Entretanto, todos esses personagens, poetas, apaixonados, crianças ou loucos são excluídos do pensamento lógico, do modelo padrão e oficializado de pensar.

Portanto o homem pensa, mas pensa de múltiplas formas. Ele não é apenas um cérebro pensante, mas é também um cérebro sentimental, apaixonado, sonhador e conspirador. Sua primeira conspiração, seu primeiro sonho, sua primeira paixão, seu primeiro sentimento geraram o primeiro gesto de ruptura com a ordem biológica e garantiram a unidade de uma nova organização viva, a auto-organização da vida humana. A cisão do homem em dois não corresponde à unidade que a vida constrói.

As contradições mais perceptíveis são aquelas que afetam a vida coletiva da humanidade porque estão sempre presentes. Neste sentido é bom lembrar a segunda parte da frase de Pascal (1623-1662 ao dizer que "o coração tem razões que a razão desconhece: pode-se perceber em milhares". Hoje, mais do que no tempo de Pascal, podemos constatar que as razões do coração, que a razão desconhece, são cada vez mais evidentes e manifestas em incontáveis e diferentes fatos e circunstâncias. Tanto na vida pessoal quanto nas relações sociais é impossível calcular as dimensões de tudo o que ocorre à margem das regras e do controle da razão. Aumenta cada vez mais o número daqueles que admitem que a razão criou um modelo ideal de humanização marcado por hierarquizações, categorizações e exclusões intermináveis afetando a vida individual e coletiva. Tais fatos foram sempre reconhecidos, às vezes, denunciados por pessoas que viam na racionalidade um ideal nascido, não do homem, mas de um projeto de desenvolvimento que tinha como valores básicos o controle e a dominação de todas as coisas pelo conhecimento científico e pela técnica. O que importava era o projeto, não as possibilidades e as necessidades dos homens todos.

As contradições da humanização racional tornaram-se mais agressivas a partir do século XIX com as grandes invenções e a implantação das revoluções industriais. A ordem social instalada devia ser a libertação do homem de todas as opressões, para poder viver na plenitude sua vida.

Descrever essa civilização da ciência e da técnica e suas desumanidades seria cair num lugar comum. A veracidade do que está acontecendo pode estar ao alcance da observação e das vivências de cada um de nós. E, acredito, um dos lugares mais eloqüente das desumanidades do tempo da ciência e da técnica pode ser aquele que circunda o mundo da saúde. Um mundo marcado por contradições que pode começar com o desespero de doentes abandonados, consolidar-se com os interesses da indústria dos medicamentos e completar-se com o esforço impotente daqueles que lutam em favor dos sofredores e contra tantas injustiças. Esta paisagem faz parte da

vida de vocês. Seria o momento de cada narrar tantas histórias que nunca vão ser contadas. Vou apenas recorrer a alguns depoimentos, talvez, já conhecidos, mas que muito bem podem reativar nossa esperança e nossas forças para continuar acreditando que a humanização pode ter outras cores e outros sabores. As cores e os sabores da vida.

Estou convencido que nada é mais estimulante na vida de quem sonhar, do que saber que há outros sonhadores, e acreditar que sonhar depende do romantismo de cada um. Esses sonhadores estão em toda parte, pertencem a todas as camadas sociais e podem ser encontrados em todas as culturas. Tais sonhos, em geral, e, talvez, por isto sejam sonhos, emergem no centro de uma civilização que se apresenta como destruidora do humano do homem. Sonhar é pensar o diferente, o quase impossível, dentro da ordem existente. É assim que encontramos uma literatura fazendo fortes críticas à civilização fratricida que vigora neste final de século e de milênio. As vozes denunciadoras elevaram sua tonalidade, particularmente, depois da segunda guerra mundial. Mas, já antes, Husserl fez uma dramática conferência sobre a crise da Humanidade Européia, dizendo "as nações européias estão enfermas". (p.60).

Seguindo nesta direção vou lembrar algumas obras de filósofos, cientistas e poetas que compõem o coro dos que clamam por uma nova humanização. Heidegger escreve, em tom de nostalgia, que o homem habita o mundo tecnicamente, o mais condizente com a natureza humana, seria habitá-lo poeticamente. Gabriel Marcel, em sua obra *Os Homens contra o Humano*, refere-se às liberdades perdidas e às técnicas de aviltamento; Merleau-Ponty escreveu *Humanismo e Terror* para questionar as lutas, ditas revolucionárias, em favor ou não de uma nova humanidade, e para analisar a questão de que os "poderes tem sempre razão", não importando os regimes políticos. Konrad Lorenz publicou dois livros, "Os oito pecados mortais da humanidade civilizada" (*Die acht Todsünden der zivilisierten Menschheit*) e *A Demolição do Humano* (*Der Abbau des Menschlichen*), carregados por uma vigorosa denúncia à civilização da ciência, mas também, cheios de esperança por uma restauração dos valores da sensibilidade humanizadora.

Na tentativa de resumir estas descrições vou lembrar o que diz Paolo Rossi, na introdução de seu livro *A ciência e a Filosofia dos Modernos*. "Por culpa da ciência o mundo em que os homens tinham acreditado viver, rico de cores, de sons e de perfumes, pleno de alegria, de amor e de beleza, onde tudo falava dos fins últimos e de harmonia. Esse mundo a ciência substituiu por um mundo duro, frio, incolor, silencioso, um mundo da quantidade e do movimento matematicamente calculável. O homem universal do Renascimento ficou em pedaços: 'A arte perdeu sua inspiração mitológica, a ciência a sua inspiração mística e o homem tornou-se surdo à harmonia das esferas.'" A ciência nasce dessa 'progressiva dissecação do espírito'; é ao mesmo tempo o signo e a causa de um 'refluxo espiritual sem precedentes'. (p. 20). E para completar eu diria que a sensibilidade pode fornecer a luz que nos faz reconhecer os traços aparentemente invisíveis e mascarados de uma rosto que nós é tão conhecido e, ao mesmo tempo, tão desconhecido, a ciência.

O segundo movimento em direção ao princípio primordial caracteriza-se por uma nostalgia de um paraíso perdido, pela consciência de um errância ou desvio de rota que requer uma volta às origens. Trata-se de uma atitude semelhante à do filho pródigo dos Evangelhos. Este, depois de haver esbanjado sua herança, lembra-se da casa paterna, o lugar do acolhimento, do aconchego, do perdão e do bem-estar. O

homem da razão, pode-se dizer, é um filho pródigo que busca reencontrar a sua terra natal, a sua habitação, a sua casa, a sua intimidade. Esse reencontro penso poder resumi-lo nos movimentos ecológicos. É a ecologia que fala na casa do homem, a natureza, a terra, o universo, exatamente aquilo que está sendo destruindo pelo esbanjamento da herança racional.

Vou recorrer a duas descrições que me parecem emblemáticas para retratar essa situação de errância racionalista. Segundo escreve Heidegger, "Depois de Copérnico não há mais o nascer do sol e nem o por do sol, tais coisas são erros de sentido. (Qua'appelle-t-on penser p. 101.) O sol nascer e por-se é a verdade do homem. Para a ciência são apenas pontos de um movimento circular. E a esfera não tem nem começo, nem fim. É eternamente contínua. É o poder do olhar humano que lhe dá um nascente e um poente. Como o olhar humano não conta mais, mas é o olhar da ciência que conta, então não há mais nem nascer, nem por do sol. Sempre a mesma monotonia universal dos movimentos físicos.

Georges Gusdorf usa uma linguagem mais direta e agressiva. Diante do que ele julga tratar-se de uma decomposição do mundo humano escreve: "As linguagens da força, da energia, do aproveitamento, da programação, que constituem as formas da racionalidade triunfante afastam tudo o que, na existência dos indivíduos, não é compatível com sua exigência. A terra dos homens dá lugar a um domínio neutralizado, tudo deve seguir um projeto traçado por engenheiros de ciências físicas e sociais. (...) Pode-se dizer que o novo meio está desnaturado, que perdeu sua face humana e se definiu agora conforme as normas da racionalidade técnica".(Agonia da Nossa Civilização p.47-48)

O antídoto desta mundo desumanizado só tem uma possibilidade de ser descoberto, a vontade do homem. É certo que se a razão outorgou-se o monopólio da interpretação do real, foi por obra do homem. Se o cientista mais ouvido e tem mais crédito do que o poeta, se a razão é mais confiável do que o coração, foi por opção do homem. É, também certo, que a racionalidade e a sensibilidade estão enraizadas na vida humana. Na verdade o cientista e o poeta, ambos fazem parte da aventura humana em busca da felicidade.

A solução destes dramas, portanto, está no próprio homem. Einstein, o homem mergulhado nas questões das ciências físicas, não perdeu a crença de que é o homem que deve traçar seus caminhos dizendo que "é a pessoa humana, livre, criadora e sensível que modela o belo e exalta o sublime" (Como Vejo o Mundo p. 12) Goethe, por sua vez, em plena modernidade, não se intimidou em anunciar o esgotamento da ordem cultural inspirada na razão proclamando que, verdadeiramente, "o sentimento é tudo" (Gefühl ist alles). Reforçava sua tese propondo que se deveria relativizar os poderes conferidos à razão e, em contrapartida, valorizar e exaltar a importância da "intuição sensível". (Maffesoli. A Transfiguração do Político p. 147).

Heidegger, em seu estudo sobre o Princípio de Razão, apresenta-o como o fundamento de toda racionalidade e responsável pela surgimento da crença universal que trata tudo de um modo uniforme, cuja atitude acanhada e simplista introduz o pensamento de via única. Desta maneira tudo é reduzido à "unicidade de significação nos conceitos e designações". Diante deste espetáculo uniformizante do pensar em via única, Heidegger encontra a contestação nos seguintes versos do poeta medieval, Angelus Silésius: A rosa é sem porque, floresce porque floresce, Não tem preocupação

com sigilo mesma, nem deseja ser vista. A razão sempre age em nome razões, que sustentem suas decisões; e de finalidades que justifiquem seu operar. A atitude racional sustenta-se sobre dois pontos a causalidade e a utilidade de todo seu agir. Nada começa sem uma razão suficiente e nada pode acabar sem um objetivo a alcançar.

Para completar a descrição desta uniformidade e utilidade do pensar em via única, quero lembrar o que o prof. Eduardo Prado de Mendonça diz a respeito do valor da inutilidade através de um depoimento, narrado em seu livro *O mundo precisa de Filosofia*. Conta o professor Eduardo que, por ocasião da visita a uma Hidrelétrica em construção, ele e mais outros colegas, passando pelo leito seco do rio desviado, colheram uma porção de "pedrinhas bonitas". Num dado momento observaram o espanto dos trabalhadores, que passavam por eles com um certo sorriso de ironia. Eles sabiam que as pedras não eram preciosas e nada valiam. Eram, para eles, pedras, apenas pedras. Mas, escreve ele, "eram bonitas, e para nós valiam por isto apenas". E operários e professores, ao se cruzarem, sorriam-se mutuamente, talvez com a mesma ironia, mas por valores diferentes.

Resta-nos ir à busca do florescer sem razão da rosa e da beleza inútil das pedrinhas, talvez, aí esteja desenhada a matriz original de uma outra humanização.

5. A SENSIBILIDADE, A MATRIZ ORIGINAL DA HUMANIZAÇÃO

Ao se propor o tema de humanização e sensibilidade num evento que tem como preocupação maior um novo olhar na enfermagem, fica evidenciado que, no mínimo, acreditamos haver algo entre humanização e sensibilidade. Talvez, até, tenhamos uma firme convicção de que a sensibilidade é sabedoria humanizadora. Ela seria o princípio, tomado no sentido grego, do processo do homem tornar-se humano.

A racionalidade, o conhecimento e as ciências não podem ser excluídas do processo de humanização e, simplesmente serem substituídas pela sensibilidade, pelos sentimentos e pela intuição. Octavio Paz constatava, pouco tempo antes de sua morte, diante da globalização que o mercado nos governa mas, cuidado, ele não tem coração. Tomando como referencial essas palavras do pensador mexicano, eu diria há mais de dois milênios somos controlados pela racionalidade, mas precisamos reagir porque ela nos distanciou de tudo o que se refere ao coração.

A razão surgiu com a preocupação fundamental de manter o equilíbrio o controle sobre o agir humano; de garantir a unidade da ação e do pensamento pela uniformidade; e assegurar com os seus cálculos a previsibilidade do futuro. Hoje, constatamos que esse projeto foi mortal para os sentimentos, para as emoções, para a imaginação e para a intuição sensível. Por aí conseguiu-se fugir do perigo de formar um homem desequilibrado e descontrolado, mas não se conseguiu evitar a formação do homem embrutecido pela neutralidade científica e pela eficiência tecnológica.

Ainda hoje, apesar de tantos males e contradições na civilização das ciências, boa parte dos cientistas relutam, diz Capra, em assumir certas atitudes com pavor de que possam parecer anticientíficos. Quando surgem os temas da sensibilidade e da intuição sensível não raro, respondem com ares de desdém. Pode-se dizer que a atitude do cientista, neste caso, é semelhante ao homem racional que não podia chorar para não perder sua masculinidade.

Seja como for, o certo é que, nestas circunstâncias, a sensibilidade passa a ser uma alternativa de humanização que, no mínimo, gera uma área de turbulência e, certamente, entra em choque com a humanização racional.

Para apressar o acesso ao cerne da questão, é bom lembrar que a sensibilidade não é uma coisa dada, um instrumento ou algo definido ao qual se recorre para construir uma nova humanização. Sensibilidade e humanização vão se auto-construindo mutua e simultaneamente. Assim também a racionalidade não foi um achado pronto, um modelo estabelecido, que fez surgir a humanização ocidental. A racionalidade, à medida que foi se consolidando como forma de pensar e de agir, foi, também, construindo uma civilização correspondente, até alcançar o estágio de uma humanização mundializada.

Podemos dizer que, depois de milhares de anos, a humanidade não tem a garantia dos critérios a adotar para traçar os rumos de seu destino, ou de sua história. É a dinâmica da própria vida? Parece que sim. Mas essa vida deve ser tomada no tempo entre o nascimento e a morte? Ou haverá uma sobre vida? O que fazer durante a vida? A resposta parece clara, promover a vida. Ou, simplesmente, viver por viver, como diz Edgar Morin. Assim mesmo precisamos saber que valores dão sentido ao viver por viver, já que não se trata de um fenômeno vegetativo, mas simbólico e, portanto, ético.

A razão, em última instância, devemos reconhecer para sermos honestos, procurou dar respostas a essas questões. Tais respostas nos desagradam ou desagradam a grande parte da humanidade que está excluída de seus benefícios. Pensamos numa matriz mais original, responsável, inclusive, pelo modelo racional. Seria a intuição sensível ou, simplesmente, a sensibilidade.

a) A fenomenologia da sensibilidade

Definir ou conceituar a sensibilidade é uma tarefa impossível. A única coisa que se pode fazer é descrever o seu acontecer, o seu manifestar-se. Sempre que falamos da sensibilidade via definições ou conceitos acabamos por tratá-la com os métodos da racionalidade. Sempre que tratamos um objeto de estudo precisamos ser científicos. Mas, afinal o que é ser científico? Seria garantir-se dentro de um modelo de conhecimento? Submeter-se aos rigores de uma metodologia? Será que ser científico não seria estar mais próximo da realidade? E quem me coloca em contato com a realidade? A sensibilidade vivenciando o real? Ou a racionalidade construindo conceitos que são representações do real?

Para reforçar meu raciocínio vou recorrer a autoridade de Unamuno. As ciências nos deram um homem "que não é nem daqui nem dali, nem desta época nem de outra, que não tem sexo, nem pátria, ele é uma idéia apenas." A essa idéia de homem, de um homem unificado, contrapõe outro homem, "aquele de carne e osso; eu, tu, todos os que pisamos a terra .. ou aquele que "nasce, vive e morre, aquele que bebe e joga e dorme e pensa e quer, o homem que se vê e a quem se houve, o irmão, o verdadeiro irmão".

Esse outro homem, descrito por Unamuno, e que é cada um de nós não pode estar circunscrito aos limites de um conceito, já denunciava no final do século passado Bergson (1859-1941), o filósofo defensor da intuição como a possibilidade de entrar no

interior de uma coisa por uma espécie de simpatia divinatória, análoga ao sentido artístico. Exclui qualquer intermédio de conceito, Há para ele uma coincidência entre conhecente e conhecido.

A fenomenologia da sensibilidade não se refere a um fato que, uma vez descrito, pode tornar-se o modelo para outros fatos análogos. O que importa é poder mergulhar no acontecer da sensibilidade que habitas cada um de nós. Não se trata de seguir a idéia de sensibilidade, expressa pelos outros, mas acompanhar a manifestação que ocorre quotidianamente e de cuja experiência somente nós somos depositários.

Vou limitar-me a descrever os esforços para entrar no interior da sensibilidade, aquela que faz parte do meu, do teu, do nosso viver. Para isso nada melhor do que acompanhar os mestres que, apesar de sua herança racionalista, traçaram rumos para se chegar à sensibilidade sem as opressões da racionalidade.

Desde o momento que os existencialistas e, em particular Martin Heidegger, colocaram a imagem de homem como o ser-no-mundo, as portas para a sensibilidade ficaram abertas. O homem deixou de ser visto como um ser pensante para ser visto como um ser de compreensão, no caso de Heidegger ser-no-mundo, um ser encarnado para Gabriel Marcel e um ser que sente para Merleau-Ponty. Diante destas posturas filosóficas não se podia deixar de reconhecer a corporeidade humana como o modo efetivo de ser-no-mundo, de ser encarnado e de ser que sente. Maurice Merleau-Ponty exprime com muita clareza esta antropologia corporal dizendo que "O corpo está no mundo como o coração no organismo: ele mentem constantemente vivo o espetáculo visível, ele forma com ele um sistema. Percebe-se com o corpo, o corpo é um eu natural. E o sentir é a fusão com o mundo. Neste sentido nada melhor do que ouvir as palavras de Merleau-Ponty:

"Dizer que eu tenho um campo visual, é dizer que pela posição tenho o acesso e a abertura a um sistema de seres, os seres visuais, que eles estão à disposição de meu olhar em virtude de uma espécie de contrato primordial e por um dom da natureza, sem nenhum esforço de minha parte; ela, por isso, é sempre limitada, e que há ao redor de minha visão atual um horizonte de coisas não vistas e mesmo não visíveis ... quando digo que tenho sentidos e que me fazem acessar o mundo, significa que sou capaz, por uma conaturalidade, de encontrar um sentido para certos aspectos do ser, sem que eu mesmo o tenha dado a eles por uma operação constituinte". (Phénoménologie p. 251).

A condição de ser um ser pensante, dominante desde Descartes, passou para um segundo plano. Os fenômenos da percepção, da sensação e da intuição sensível tornaram-se o centro das preocupações filosóficas para interpretar a vida humana. Em lugar de se definir o processo do conhecimento, tão caro às filosofias intelectualistas, procura-se descrever a existência humana que começa pela corporeidade e pelas suas capacidades naturais. Antes de desenvolver a inteligência, dentro dos parâmetros do pensamento lógico, a humanidade desenvolveu seus dotes naturais guiados pela sensibilidade. A sensibilidade não é privilégio exclusivo dos seres humanos. Todo ser vivo é dotado de sensibilidade. Esta pode ser entendida como uma espécie de "inteligência natural" que compreende, interpreta o meio circundante e dirige o desenvolvimento de todo organismo. A semente, por exemplo, graças a sua sensibilidade de perceber e sentir consegue acionar seus mecanismos de germinação e buscar os recursos necessários a seu crescimento. No animal a sensibilidade atinge um grau mais elevado de complexidade mas, segundo pensamos, ficaria restrita aos

limites do determinismo biológico. No homem, a sensibilidade alcança os foros da liberdade. Além de herdar os conhecimentos inscritos na ordem biológica, consegue construir novas formas de compreender, interpretar e sentir o mundo.

A sensibilidade, sem dúvida, é a primeira forma de perceber o mundo. Esta percepção vem impressa na sensação, pois esta é, segundo Merleau-Ponty, "uma de nossas superfícies de contato com o ser". (256) Desta forma, segundo o filósofo, o corpo não é somente um objeto entre os outros objetos, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa por todos os sons, vibra por todas as cores e que fornece às palavras seu significado primordial pela maneira como ele as acolhe". (273) O intelectualismo, defensor do homem pensante, alijou a sensação para o plano inferior de fornecedora de impressões materiais, que devem ser refletidas pelo intelecto para gerar um conhecimento, que assegure a univocidade de contato com o mundo. Cada sensação, ao contrário, ainda ouvindo Merleau-Ponty, é a "rigor a primeira, a última e a única de sua espécie; é um nascimento e uma morte".(250) Por isto, conclui-se que se as sensações não se repetem, também, não se repete nosso contato com o mundo. Há sempre uma originalidade em cada sensação. Assim, nada é mais contrário à sensibilidade do que a eterna univocidade dos conceitos impostos pela racionalidade. As essências abstratas só existem para as linguagens metafísicas.

A sensação não vem por geração espontânea, ela está radicada na corporeidade de cada uma. Não funciona da mesma maneira. Não cria uma uniformidade de sentir. Cada um tem sensações próprias, diferentes e, até, contraditórias diante dos mesmos objetos. O sentir é uma maneira de ser no mundo que se propõe a nós de um espaço físico ou de um lugar cultural.

A sensibilidade é a coisa primeira, por isso a sensação depende de uma sensibilidade que a precede e a ela sobreviverá, pelo fato de ser a responsável de todas as sensações. É ela que constrói o encontro sensível, numa fusão daquele que sente e do sensível que não se colocam um diante do outro como dois termos exteriores. Mais, a sensação não é uma invasão do sensível naquele que sente, nem o domínio daquele que sente sobre o objeto sentido. "Entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê o sentido ao outro. (La Phénoménologie P.247-248) A sensação se dá como coexistência e como comunhão. Diz Merleau-Ponty, "pela sensação reporto-me a um ser exterior, seja para abrir-me seja para fechar-me a ele. As qualidades irradiam em torno de si um certo modo de existência, se elas tem um odor de encantamento é porque o sujeito que sente não as põe como objetos, mas simpatiza com elas, as faz suas e encontra nelas a sua lei momentânea." A sensação faz nascer ao mesmo tempo o sensível e aquele que sente.

O ser humano, como sujeito que sente está dotado de "poderes naturais" que constituem a sensibilidade. Como já foi lembrado, presentes em todos os organismos vivos, vegetais e animais. No ser humano há uma consciência sensível. Há um saber do sentir, e há um alargamento dos poderes naturais, os sentidos, pela invenção de novas formas de sentir. Assim, voltando a Merleau-Ponty, eu vejo o azul, o verde ou vermelho porque sou sensível às cores. São esses poderes naturais que me fundem com o mundo colorido. Há uma predisposição de ver cores, ainda que nunca possa garantir que o colorido do azul que eu vejo coincida com o dos outros. Em contrapartida se há uma sensação da cor por força de uma sensibilidade natural, o

mesmo não se pode dizer dos conteúdos inteligíveis, por isso, afirma Merleau-Ponty, "eu sou matemático porque decidi sê-lo".(Phénoménologie p. 249).

O intelectualismo ocidental criou as representações mentais como um intermediário entre o sujeito conhecente e o objeto conhecido, Assim o eu pensante entra em contato com o mundo através de uma rede conceitual, eliminando o contato imediato característica do eu que sente.

A sensibilidade, portanto não reside nos enclausuramentos dos conceitos das filosofias racionalistas e das construções científicas; ela faz suas moradas em outras paragens. Resta-nos bater às portas destas moradas.

b) As moradas da sensibilidade

A primeira morada da sensibilidade é a vida. Não precisamos de nenhum tipo de laboratório, de nenhuma metodologia científica, de nenhum raciocínio lógico para perceber a sensibilidade presente em qualquer organismo vivo. Desde os fios mais tenros da relva até as mais grandiosas árvores da floresta, desde o inseto mais minúsculo até os enormes animais das reservas ecológicas mostram os poderes de sua sensibilidade como sabedoria para manutenção de suas vidas. Costumamos dizer, às crianças que as flores, as plantas e os animais choram quando maltratados ou pisados. É uma pensa que os adultos não acreditem nesta verdade.

Sem dúvida a vida é a grande morada da sensibilidade, não só para vegetais e animais, mas também para o homem. Não me refiro apenas aos cinco sentidos que são aqueles que nos colocam em contato direto com o mundo e nos dão o conhecimento de nós mesmos, mas de toda sensibilidade que deles decorre quando ela se orienta por valores decorrentes da ampliação da sensibilidade original. Refiro a uma sensibilidade ética e estética. A sensibilidade ética nos ensina recriarmos e redefinirmos nossos atitudes diante dos outros segundo os apelos que nos são dirigidos; pela sensibilidade estética podemos valorizar tudo pelo princípio de beleza.

Diria que a sensibilidade humana está alojada na intimidade de cada um. É daí que ela responde aos chamados vindos do mundo exterior; é dali que ela transmite suas mensagens orientadoras dos gestos humanos. Deve ficar claro, entretanto, que a sensibilidade, como a vida precisa ser educada, desenvolvida e cultuada. Faz parte do processo de auto-organização do organismo vivo. A sensibilidade auditiva precisa ser aperfeiçoada. O tactilidade, a visão necessitam de educação. Nada nasce pronto. Tudo, na vida, está em evolução e crescimento. É a própria sensibilidade, em seu diálogo permanente com o mundo através das sensações, que sente a legitimidade de sua ação. Os sentimentos que ecoam na interioridade de cada um garantem o grau de verdade e de bondade da sensibilidade que nos domina. Assim, pode-se falar em sentimentos de aprovação ou de desaprovção. É a repercussão interior o parâmetro de julgamento. Da mesma maneira que ao ingerirmos um alimento impróprio, não precisa ser um veneno, o organismo reage por manifestações de desequilíbrios em suas funções orgânicas. Se os alimentos forem corretos, as reações são correspondentes. É a sensibilidade orgânica agindo naturalmente. No caso da sensibilidade ética e estética se dá o mesmo fenômeno. Os nossos sentimentos são o sinal do agrado ou do desagrado da sensibilidade. Os sentimentos de alegria, de conforto, de satisfação, de alívio correspondem à harmonia de nossas atitudes. Os

sentimentos de culpa, de remorso, de revolta revelam desarmonias em nossas relações internas e externas. Outros sentimentos, de raiva, de angústia, de desespero, de ansiedade, de dúvida revelam a instabilidade de nossa sensibilidade frente ao que devemos fazer.

O importante é sabermos conviver com estes sentimentos, pois são eles que nos colocam em contato direto com a realidade. A racionalidade preferiu apagar esses sentimentos julgando que eles só atrapalham. Mas eles são sintomas de que alguma coisa pede atenção. Infelizmente, a racionalidade criou ciências para tudo, menos uma ciência que cultivasse nossos sentimentos. A razão adota sempre a mesma atitude diante dos fenômenos que a atrapalham porque não consegue dominá-los, despreza-os como anomalias. O que pode ser observado em toda parte.

Não se pode deixar de observar que a sensibilidade pode sofrer de males que a impedem de atuar. Seja por razões orgânicas, como a surdez, cegueira; seja por razões éticas, como agressões, violências. A sensibilidade precisa ouvir-se a si mesma, mas para isso é fundamental adquirir o hábito de auto-escuta.

A segunda morada da sensibilidade é a casa paterna. A simbologia da casa paterna é muito antiga, mas adquiriu um destaque decisivo depois da parábola do Filho pródigo. A casa paterna é lugar do aconchego, da acolhida, da compreensão, do perdão, do bem-estar, da paz, do reencontro, da restauração, do descanso, porque tais atitudes são as características do lugar onde a sensibilidade vigora. A casa paterna é o lugar onde se cultiva a vida, onde se vive a infância, onde se sonha o mundo. A casa paterna é o lugar das reuniões festivas, das comemorações, das lembranças, da saudade, dos fatos marcantes de cada indivíduo. A casa paterna era também o lugar natural para o nascimento, hoje a maternidade desmontou essa peça importante da vida doméstica. É na casa paterna que se cuidava dos doentes e dos velhos. Hoje os hospitais e os asilos retiraram os doentes e os idosos de sua casa. A casa paterna é, sem dúvida, o lugar onde a sensibilidade encontra seu terreno fértil de crescimento e de fortalecimento.

Não quero deixar de lembrar, que a casa paterna é o lugar onde se desenham os rostos da mãe, do pai, dos irmãos, das irmãs; e, com certo romantismo, num tempo não muito longínquo, também, as figuras carinhosas do avô, da avó e dos netos.

Quando se fala em casa paterna surge à mente uma construção sólida, situada numa paisagem bucólica ou ao longo de avenidas e ruas iluminadas e arborizadas, sempre cercada de jardins. Mas como falar de casa paterna quando foi reduzida a apartamentos empilhados e superpostos ao longo de um corredor vertical percorrido, diuturnamente, por um elevador incansável e anônimo que, em muitos casos, foram transformados em meros dormitórios, às vezes, refeitórios, com uma sala de programas televisivos. E como falar de casa paterna, para as favelas de papelão e plástico que num descuido, em poucos minutos, podem virar em algumas labaredas momentâneas, porque nem cinzas podem deixar.

É, portanto, com muita tristeza que é preciso lamentar a ausência da casa paterna. Quantos filhos pródigos, especialmente aqueles devorados pelas drogas, poderiam pensar numa festa de regresso à casa paterna com a figura do pai acolhedor. Os fatos parecem mostrar que a demolição da casa paterna é responsável pela anemia da sensibilidade, quando não pela sua total negação. Sem casa paterna a sensibilidade

pode ser atacada pelas mais virais patologias, o que a nossa ordem social comprova à saciedade.

Uma terceira morada é a terra-natal. Como a casa paterna é o lugar natural da vida humana, a terra-natal é o seu prolongamento. Casa paterna e terra-natal são duas referências fundamentais de todas as pessoas. À terra-natal nos unimos por sentimentos, pelo afetivo. É o lugar dos amigos e das amizades. A terra-natal é o lugar onde se abriam os horizontes da sensibilidade num encontro maior, mais diversificado, mais colorido, mais enriquecedor. É o lugar para o doméstico encontrar sua ampliação no social. A terra-natal é o lugar das novidades, dos planos futuros, da busca de autonomia, da afirmação pessoal. A terra-natal é também o lugar das recordações passadas. Acima de tudo a terra-natal é o referencial para toda e qualquer nova terra a ser "conquista" na vida. Tudo o que acontece, tudo o que se encontra passam por uma comparação com a terra-natal. A consciência de sua importância cresce à medida que dela nos distanciamos, seja pelo espaço geográfico, seja pela distância cronológica.

Como aconteceu com a casa paterna, a terra-natal está entrando num estágio de extinção devido ao processo de industrialização e pelo avanço tecnológico, responsáveis por um certo nomadismo urbano. Edgar Morin fala na perda da terra-natal. Maffesoli refere-se ao homem despatriado. O homem perdeu as raízes da terra, da paisagem do mundo, fontes da seiva da sensibilidade.

A quarta morada da sensibilidade, e a última nesta classificação, é o mundo da criança. A vida infantil, não é preciso dizer, é uma referência universal do lugar mais natural da sensibilidade humana. É onde começa, quando se apresenta com toda sua espontaneidade. Os esquemas racionais ainda não a atingiram. As astúcias dos interesses adultos apenas ficam rondando esperando o momento de invadi-la.

A idéia da espontaneidade, da ingenuidade, da sinceridade e, particularmente a entrega total aos princípios da ludicidade. O brinquedo é o sinônimo de organização infantil. A dedicação da criança ao brinquedo nasce, segundo Friedrich Schiller, do impulso lúdico aliado do impulso sensível, cuja dinâmica segue a criatividade do imaginário fecundado pela sensibilidade. E Nietzsche diz que "no verdadeiro homem se esconde uma criança que quer brincar" (Os oito Pecados p. 65). Hoje, a indústria do brinquedo cerca a criança com artefatos que acabam destruindo sua sensibilidade lúdica original e substituindo-a pela ludicidade do adulto.

O homem adulto recorre constantemente à figura da criança como símbolo da ausência de maldades e hipocrisias. Jesus Cristo afirmou que para entrar no reino dos céus era preciso tornar-se como crianças. Freud, por sua vez, defendeu o papel fundamental da primeira infância para a vida dos indivíduos. Gusdorf, baseado em Freud, lembra o elogio da espontaneidade criadora das crianças como um dos lugares comuns de nossa época. As crianças, diz ele, "possuem naturalmente um gênio, todo impregnado de liberdade, que se perde à medida que a opressão social as submete às disciplinas da uniformidade. A criança é um poeta, a criança é um artista, enquanto que o adulto, decaído dessa ingenuidade, não representa mais do que uma aparência melancólica do conformismo." (Agonia ... p. 174).

O ponto mais significativo e, ainda preservado, da sensibilidade infantil pode ser observado pela maneira como ela vai reconhecendo a si mesmo. É pelo tato, pelo

toque, pela epiderme que ela sente a si mesmo e tudo o que a envolve. A puericultura moderna criminosamente separou o recém-nascido do contato da mãe. A incubadora e o berçário interpuseram-se entre o neonato e a mãe. Hoje, felizmente, o erro foi reconhecido e volta-se a reaproximar mãe e filho.

Diante de tanta exaltação dos valores da infância não entendo por que o adulto se esforça sistematicamente em transformar toda criança, o mais cedo possível, num adulto. Parece que o primeiro gesto do adulto é revestir seus filhos com seus vestuários racionalizantes. Além de destruir a infância o adulto denigre sua identidade. Basta analisar o vocabulário inspirado na vida infantil, é todo ele negativo. É, infantilidade, criancice, infantiloide, brincadeira, pueril, sem contar as múltiplas expressões que dão um tom pejorativo aos comportamentos das crianças, como 'não seja infantil', 'deixe de brincadeira', 'isto é uma criancice'.

Acredito que está na hora de encaminhar o meu estudo para algumas conclusões, sem serem conclusivas, mas apenas complementares.

CONCLUSÃO

Inicialmente, nesta tentativa de concluir, devo pedir-lhes desculpas por não ter conseguido explicar cientificamente, nem ter definido filosoficamente, nem ter tido a inspiração suficiente para descrever poeticamente humanização e sensibilidade, um tema tão decisivo para poder sonhar com novos olhares o novo milênio. Só consegui falar do que senti, do que vivi, do que sonhei diante destas duas palavras, ora musas ora esfinges, a humanização e a sensibilidade. Achei que trabalhar com conceitos, definições ou estabelecer um projeto onde humanização e sensibilidade perderia o contato com a realidade dos fatos. Não queria cair na armadilha da falsa crença de que uma coisa definida, é questão resolvida. Estou convencido de que humanização e sensibilidade são modos de viver. O meu grau de humanização e de sensibilidade manifesta-se no viver, nas relações com os outros, com o mundo. Não são coisas adquiridas, mas modos renovados, ou perdidos, a cada instante conforme as minhas atitudes. Por isso a única atitude era tentar identificar os lugares, os rostos coloridos pela sensibilidade, porque aí, necessariamente, estava a humanidade do homem.

Não seu se é possível traçar os caminhos da humanização inspirada pela sensibilidade para uma humanidade uniformizada há muitos séculos pela racionalidade. Fica difícil para um portador de deficiência visual entender essa orientação: "olhe aquela retransmissora de televisão sobre a montanha lá adiante, fica a uns sete quilômetros daqui, e siga nesta direção". Não menos incompreensível deve ser para um lógico cientista e tecnicista compreender expressões desta natureza: "sabes, não há direção, não há caminhos; é preciso inventar a direção, e caminhar é o caminho". Ninguém acreditou em Pascal, já no século XVII, quando disse que o coração tem razões que a razão desconhece. Certamente poucos sabem, e caso saibam, não darão crédito, que Wittgenstein, à sombra de seu **Tractatus Lógico-philosophicus**, disse que "Hoje em dia as pessoas pensam que os cientistas existem para as instruir; que os poetas, os músicos, artistas existem para lhes proporcionar prazer. A idéia de que estes tenham algo para lhes ensinar não lhes ocorre. (p. 61, Cultura e valor).

Assim, é preciso acreditar num certo romantismo para anunciar a humanização em nome da sensibilidade, para dizer que o homem é, originalmente, um ser que sente,

um ser afetivo e não racional; tornou-se, isso sim, historicamente racional, mas sempre foi sensível, porque essa é sua identidade.

A racionalidade não garantiu que o homem se tenha humanizado. Pode tê-lo tornado mais esperto, mais forte, mais empreendedor, mais dominador, mais seguro de si, mais produtivo, mais organizado; pode tê-lo protegido contra os desequilíbrios e descontroles das emoções, dos sentimentos e das paixões. É certo também que congelou suas lágrimas, enrijeceu os músculos de seu sorriso, deu-lhe uma face mumificada, imparcial, sombria, plastificada. Ensinou-lhe altas tecnologias para ocupar o tempo, para trabalhar, usar a vida; mas esqueceu de dizer-lhe como viver. Ofereceu-lhe uma multiplicidade de linguagens técnicas, mas tirou-lhe o direito à fala. A racionalidade capacitou os homens a dialogar, apenas, com seus iguais. A sensibilidade é capaz falar, indistintamente com todos, porque sua fala se faz no convívio, responde às circunstâncias, escuta o outro.

A sensibilidade é uma espécie de simpatia pela qual nos transportamos na interioridade dos outros, ao mesmo tempo que abrimos nossa interioridade ao acesso do outro para coincidir com o que há de único em nós e, portanto, inexprimível, mas pode ser sentido, vivido. A sensibilidade é de certa forma a coincidência e uma reversibilidade daquele que sente com o que é sentido ou sensível. Isto só pode acontecer por um contato direto, sem intermediários. Esta coincidência da sensibilidade é capaz de oferecer um novo olhar, embora tão antigo quanto a humanidade, para se fazer enfermagem e para encarar a vida. As ciências nos encheram de mediadores conceituais e teóricos para vermos o mundo, os outros e a nós mesmos. A sensibilidade me faz ver diretamente o doente, porque ela olha para este doente, sem as mediações das doenças, dos manuais, das teorias. Como aprendemos a língua da racionalidade científica e aprendemos os gestos da técnica, temos dificuldades, talvez, medo de falar e agir em nome da intuição sensível.

Diante disto acredito que seria inútil dizer como é a humanização pela sensibilidade. Ela não existe em algum lugar já desenhada, porque ela se faz ou desfaz em cada instante. É humano quando a resposta dada é adequada à pergunta feita ou ao desafio proposto. Vou recorrer mais uma vez a alguma metáfora.

Quando veja à minha volta flores, muitas flores, de todos os tamanhos e cores; folhagens, plantas, canteiros, relva, borboletas, beija-flores; percebo que estou num jardim. Quando vejo casas abandonadas, florestas devastadas, terra crestada e ressequida, plantações destruídas, leitos secos de rios percebo que estou numa região castigada pelas intempéries. Supor que alguém seja incapaz de ver as diferenças, seria ridículo.

Quando vejo ao meu redor pessoas felizes, rostos sorridentes, crianças, jovens, adultos; pretos, brancos; pobres, ricos vivendo em total harmonia, tenho certeza que há um alto grau de sensibilidade. Quando vejo pessoas descontentes, exploradoras, agressivas, dominadoras. Pobres, abandonados, doentes abandonados, velhos desprezados, concluo que a sensibilidade anda longe dali.

Infelizmente essa última cena é mais freqüente do que a primeira. Não precisamos ir longe, nem sair de casa. É só ler um jornal qualquer. Acompanhar os noticiários televisivos, por não lembrar alguns trechos da conferência da abertura da Professora Tamara, para termos a certeza de que a humanização da racionalidade não passa de um discurso hipócrita. Por longo tempo fomos iludidos pelos discurso político das falsas democracias, quando ainda se conseguia oferecer pão e circo em

meio a frases de efeito demagógico. Hoje, dominados pelo discurso econômico, não é mais possível mascarar, porque a miséria, a fome, a falta de saúde, o abandono da educação não se esconde com discursos ilusórios. A máscara caiu e o lucro sepultou a sensibilidade. Talvez por isso, estejamos tão saudosos de voltar à casa paterna, para rever a terra natal, para recuperar a inocência infantil, o que pode ser reencontrado sentindo a nossa intimidade.

E finalmente, já que não posso dar-lhes a receita da humanização pela sensibilidade vou recorrer, como já é um hábito muito comum, à sabedoria orientar. Talvez aí tenhamos a uma idéia de como nos tornamos humanos tornando-nos sensíveis. Podemos ler na obra, *Analectas*, 2,4, o seguinte ensinamento de Confúcio: "O mestre disse: 'Aos 15 anos, orientei meu coração para aprender; aos 30 anos, plantei meus pés firmemente no chão; aos 40, não sofria mais perplexidades; aos 50, sabia quais eram os preceitos do céu; aos 60, eu os ouvia com ouvidos dóceis; aos 70, podia seguir as indicações do meu coração porque o que desejava não excedia as fronteiras da justiça'."

De minha parte, ciente de que este ensinamento indica o caminho da humanização pela sensibilidade, estou tentando descobrir sob os vernizes e as tintas da racionalidade, a cor original da sensibilidade, aquela que se identifica com a vida, portanto, a sensibilidade que tem a mesma cor e o mesmo sabor do viver.

Prof. Dr. Silvino Santin
Santa Maria, 18 de junho de 1998.